
UM NOVA NATAL, UM NOVO LUGAR:
MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DE UM CONJUNTO HABITACIONAL

Giovanni Roberto Protásio Bentes Filho

Acadêmico do curso de graduação em História (licenciatura plena), pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Integrante do Grupo de Estudos Espaços da Modernidade – UFRN.

Rudá Silva de Pinho

Acadêmico do curso de graduação em História (bacharelado), pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

UM NOVA NATAL, UM NOVO LUGAR: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DE UM CONJUNTO HABITACIONAL**A NOVA NATAL, A NEW PLACE: MEMORIES AND REPRESENTATIONS OF A HOUSING COMPLEX**

Giovanni Roberto Protásio Bentes Filho

Rudá Silva de Pinho

RESUMO

Após três surtos migratórios para Natal, capital do Rio Grande do Norte, o poder público iniciou uma política de construção de vários conjuntos habitacionais na região norte da cidade, à outra margem do rio Potengi, no início dos anos 1980. Diversos problemas permearam a vida dos moradores recém chegados, sendo os principais elementos de mobilidade urbana, saúde, educação e lazer. Neste contexto está inserido o conjunto habitacional Nova Natal, localizado no bairro Lagoa Azul, o mais distante do centro da cidade. Como objeto do nosso estudo, pretendemos evidenciar a representação deste novo espaço de moradia sob a perspectiva e vivência de moradores, tomando como base a memória de cada um para, conseqüentemente, entender a construção identitária. Dessa forma, para atingirmos esse objetivo, percorremos a história do conjunto, observando o contexto da sua criação, desenvolvimento do comércio, melhorias estruturalmente urbanas e degradação ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Conjunto habitacional, Nova Natal, Memória, Identidade, Representação.

ABSTRACT

After three outbreaks migration to Natal, capital of Rio Grande do Norte, the government initiated a policy of building several housing estates in the north of the city to the other bank of the river Potengi in the early 1980s. Several problems permeated the residents' lives, as the main elements of urban mobility, health, education and leisure. In this context is the Nova Natal housing, located on Lagoa Azul district, the farthest from the center is set. As the object of our study, we intend to prove the representation of this new living space from the perspective and experience of residents, based on the memory of each to therefore understand the identity construction. Thus, to achieve this goal, we go through the history of the assembly, noting the context of its creation and trade's development, urban structural improvements and environmental degradation.

KEYWORDS: Housing estate, Nova Natal, Memory, Identity, Representation.

Introdução

Longe de tudo e de todos. Viver em um conjunto habitacional na cidade do Natal, capital do Rio Grande do Norte, nas décadas de 1970 e 1980 era um desafio muito grande para qualquer família. Não foram poucos os casos de desistência de mutuários que realizavam o “sonho da casa própria” e logo em seguida descobriam que o sonho estava mais próximo de ser um pesadelo. Quase que uma regra, os conjuntos habitacionais pouco ofereciam aos que eram destinados àquelas casas. Faltavam escolas, postos de saúde, comércio, saneamento e transporte. Este último elemento gerava uma sensação de “desintegração” da cidade, criando espaços populacionais que não se relacionavam com o centro da cidade.

O bairro de Lagoa Azul, um dos mais novos bairros de Natal, começou desta forma. Localizado no extremo norte da cidade, ele tem em sua origem histórias de superação de uma porção da população natalense que foi transferida para dois conjuntos habitacionais, o Nova Natal e o Gramoré. Ambos foram criados pelas políticas públicas voltadas para promoção de melhores condições de moradia, que tinham por responsável na Zona Norte da cidade a Companhia de Habitação do Rio Grande do Norte (COOHAB), em um contexto que tomava o “Outro lado do Rio”¹ como uma área propícia para tal tipo de empreendimento, pois havia grande oferta de terrenos extensos e baratos (CAPISTRANO; et. al., 2013a, p. 77).

Este estudo toma o conjunto Nova Natal como objeto de análise, dentro de uma perspectiva da história cultural. O objetivo é analisar como o conjunto habitacional e as práticas do viver neste espaço estão arraigadas nas memórias dos moradores. Nesta busca por conhecer o olhar de quem vive neste espaço, torna-se indispensável esboçar os elementos que compõem a construção da identidade (individual e coletiva) e da história do lar, levando-se em consideração dois elementos essenciais: memória e representação. A antropóloga Julie A. Cavnac, ao analisar as representações simbólicas presentes nas memórias dos moradores do conjunto habitacional Igapó (também na Zona Norte de Natal), defende que:

Estudar a produção narrativa de uma comunidade de migrantes é também recolher o discurso ligado ao passado e à origem, através de histórias de vida, de lembranças

¹ Termo utilizado pelos natalenses para referenciar a porção norte da cidade, Zona Norte, separada pelo rio Potengi.

etc. A identidade destas novas comunidades passa primeiramente pela referência à uma cultura e/ou uma história comum. (CAVIGNAC, 2001, p. 67-98)

Partido deste princípio, tomamos por base de estudo entrevistas com moradores do conjunto Nova Natal, publicadas no “Dossiê de fontes – Lagoa Azul”, elaborado pelo programa *Memória Minha Comunidade*, um projeto realizado pela Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo de Natal (SEMURB)², que reúne 20 entrevistas com novos e antigos moradores. Elemento comum nas entrevistas, a identidade dos moradores aparece, em grande medida, relacionada ao desenvolvimento habitacional e econômico do local. Porém, apesar da presença nas entrevistas, este viés da história do bairro não foi abordado na publicação da referida secretaria, deixando uma lacuna que merece atenção. Além destas entrevistas, realizamos outras com outros moradores, com o intuito de obter maior quantidade e qualidade de dados sobre a questão que abordaremos.

Para além do rio: novos espaços de moradia

O período de 1939 a 1945 trouxe para a cidade do Natal um grande inchaço populacional. No final do século XIX iniciou-se a ocupação do bairro das Rocas, principalmente, por pescadores e trabalhadores das obras do porto. Nos primeiros anos do século XX é notório o crescimento populacional devido à atividade comercial portuária. Junto com esse fluxo de mercadorias também era visto um fluxo de pessoas e conseqüentemente de desejos, sonhos, sentimentos. Outro ponto que facilitou esse aumento populacional nos primeiros 20 anos foi a aviação. Natal está em uma localização estratégica, ou seja, é o primeiro ponto de chegada ao continente pelo oceano Atlântico. Sendo assim, foi criada em 1939, por uma empresa italiana (L.A.T.I.), uma linha regular entre Europa e Natal. (VIDAL, 1998, p. 14-16).

² O programa *Memória Minha Comunidade* é um projeto da SEMURB, com orientações de professores do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com o intuito de resgatar a memória de diversas comunidades (bairros) da cidade do Natal, a partir da pesquisa e análise de fontes, tais quais fotografias, jornais, depoimentos de moradores. Até o momento da escrita deste artigo, três edições publicadas deste projeto já haviam sido lançadas: Cidade Satélite (2011), Alecrim (2012) e Lagoa Azul (2013).

Uma vez entendida como um importante ponto estratégico facilitador de travessia das aeronaves norte-americanas durante a guerra, a cidade recebeu ao longo dos anos um enorme contingente de militares estadunidenses que se consolidaram no imaginário da população. Tanto no âmbito geográfico quanto no simbólico, Natal crescia fisicamente e politicamente. A influência e estadia dos norte-americanos não só provocou intensas mudanças como intensificou as atividades comerciais e os serviços, principalmente, do setor terciário, de modo que o aumento populacional é bastante notável (VIDAL, op. cit., p. 17.), mas também no que diz respeito à identidade local, pois divulgavam a capital no interior do próprio estado e nos vizinhos.

Uma vez que novas necessidades precisavam ser atendidas nesse período, era de se esperar que novas oportunidades de emprego surgissem, bem como novas moradias. A busca por uma melhor qualidade de vida levou muitos habitantes desses vários interiores a migrarem até a capital. O elemento moderno e progressista aguçava os sentidos desses novos habitantes que agora estariam destinados a ocupar um novo espaço.

As oportunidades existiram, de fato. No período de 1970 a 1980 houve uma intensa mecanização no setor salineiro, agrícola e a introdução da produção de frutas tropicais para exportação. Nesse período a indústria têxtil era característica da Região Nordeste, entretanto, mesmo com o desenvolvimento do setor secundário, Natal ainda tinha predominância no setor de serviços, e com isso a demanda por novos empregos cresceu – mas não o suficiente para atender a todos os que chegavam à cidade.

Enquanto o impulso econômico provocado pela chegada das indústrias se fazia presente e a cidade era alçada a um conhecimento internacional, funcionando como um entreposto político-econômico naquele período de guerra, em outra esfera, a situação financeira de uma parte da população se complicava. A cada mês, mais pessoas chegavam e menos empregos surgiam e, conseqüentemente, seus espaços de moradia eram precários – nada mais do que um reflexo das condições monetárias da cidade no período: expansão da classe média e alta e um aumento populacional não condizente com o que a cidade suportava.

Logo, comunidades carentes surgiram no centro da cidade. Conglomerados precários que, ainda nos anos 1950, ocupavam áreas que deveriam ser destinadas à elite e divulgação local, como o bairro *Praia do Meio*, redentor da praia mais frequentada pelos

natalenses à época, junto com as praias de *Areia Preta* e dos *Artistas*, todas na zona leste. Outras áreas mais ao centro da cidade também foram ocupadas por esses espaços precários, o que aos olhos do governo local, bem como da elite e da ascendente classe média, correspondia a uma propaganda negativa da cidade.

Sob tais condições, somadas a um terceiro inchaço populacional nos anos 1970, provocado, em grande medida, pelas migrações populacionais impulsionadas pela seca e falta de recursos no interior do estado, a política local decidiu por retirar esses moradores do espaço central e transferi-los para novas áreas da cidade. Surgiram, assim, duas novas frentes de povoamento do espaço periférico da cidade: uma ao norte, além do rio Potengi; e outra ao sul, próxima a via de acesso rodoviária da cidade, até a praia de *Ponta Negra*, até então uma praia distante e de veraneio.

O caso da região sul é diferente do que aconteceu no norte. *Ponta Negra* passou a ganhar ainda mais visibilidade paisagística e turística a partir da década de 1980, após a crescente expansão urbana e a construção da via costeira, facilitando o deslocamento entre as zonas leste e sul. Já a região norte, separada pelo rio, manteve-se isolada do restante da cidade e seus moradores não mantiveram as mesmas interações com o centro que tinham os do sul. Neste contexto, na década de 1980, surgiu a Zona Administrativa Norte da cidade do Natal, a qual se diferenciava em muito da Zona Administrativa Sul.

Assim, um dos pontos mais problemáticos a ser entendido é o referente a mobilidade urbana. Enquanto que nos novos conjuntos habitacionais da parte sul da cidade eram bem servidos de transporte público e de vias de acesso, os moradores da parte norte sofriam com falta de estrutura, saneamento, linhas de ônibus (para todo o bairro de Lagoa Azul existiam apenas duas linhas até meados dos anos 1990) e vias de acesso – apenas uma Ponte Presidente Costa e Silva (conhecida popularmente como “Ponte de Igapó”) interligando ambas as margens do rio por décadas, tendo uma segunda (Newton Navarro) inaugurada apenas em novembro de 2007 (PINHO, 2013, p. 154).

Para a efetivação desses novos espaços de moradia, a solução foi a construção de conjuntos habitacionais, os quais poderiam abarcar o contingente populacional da cidade. Como sobredito, os primeiros a serem entregues foram o Gramoré e o Nova Natal – objeto deste estudo –, seguidos do Cidade Praia e posteriormente o Eldorado.

Construído nos anos 1980, o conjunto habitacional Nova Natal está situado no bairro Lagoa Azul, o mais distante do centro da cidade, caracterizado por ter na formação das várias memórias que o compõem o elemento natural, paisagístico. Rodeado por dunas e repleto de lagoas, o bairro hoje está inserido na Zona de Proteção Ambiental (ZPA-9) e desde seus primeiros moradores, cultiva uma cultura de plantação e comércio agrícola, irrigado tanto pela própria Lagoa Azul, que nomeia o bairro, quanto pelo rio Doce, uma das principais fontes de água da região.

O bairro Lagoa Azul faz fronteira com o Município de Extremoz e tem como bairros vizinhos o Bairro Pajuçara, Potengi e Nossa Senhora da Apresentação. De acordo com a SEMURB- Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo e IBGE no ano 2000 a população residente era de 50.413. Dez anos depois passou para 61.289 indivíduos residentes³.

O Conjunto Habitacional Nova Natal conta atualmente com mil unidades de habitação, uma unidade de saúde, ou seja, um posto de saúde para atender aproximadamente 12.884 indivíduos (SEMURB, 2012). O Conjunto dispõe de duas praças, dez equipamentos desportivos, vale salientar que tais equipamentos são, muitas vezes, apenas um campo de futebol feito de areia e algumas quadras de concreto e uma cobertura. Há duas feiras em Nova Natal, sendo a mais famosa a Feira de Nova Natal na Av. Chegança.

De acordo com Expedito Julião que participou, na década de 1980, das obras de construção dos conjuntos habitacionais a feira tomou forma na Av. Chegança no final de 1980. A feira é um marco representativo para a população do Nova Natal, assim como para toda a Zona Norte de Natal. Shopping Center do povo, onde há uma verdadeira troca de culturas, saberes e vivências. Lugar de muita memória, onde diariamente o velho e o novo se encontram.

A feira também pode ser encarada como a principal fonte de renda, especialmente dos hortigranjeiros, muitos do loteamento Gramorezinho que levam seus produtos para a venda na feiras e em outros pontos como supermercados e mercadinhos. Feira do Nova Natal na Av. Chegança, lugar onde pessoas passam, vem e vão, e deixam muito mais que dinheiro,

³ Informações disponíveis no livro Lagoa Azul, lançado em 2013 pelo projeto *Memória Minha Comunidade*, relacionado a SEMURB.

deixam sentimentos e emoções, deixam suas memórias, muitas vezes na mesa de um barzinho ou na banca de verduras, enfim memórias da Feira, dos passantes, da Av. Chegança.

Em relação à segurança, o Conjunto disponibiliza apenas de uma unidade de segurança pública. Nova Natal possui cerca de doze unidade públicas de ensino e CMEIs (Centros Municipais de Educação Infantil).

Memória e Identidade

O historiador francês Pierre Nora acredita que a memória é seletiva. Isto é, não conseguimos lembrar de todos os mínimos detalhes. Não somos como *Funes, O memorioso*⁴ que não deixava escapar um pequeno detalhe que seja, e para isso necessitamos de lugares de memória, lugares que podem ser um objeto, uma pessoa, um local e até mesmo uma data. Segundo o autor,

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1984, p.13).

Paulo Sérgio, um dos primeiros moradores do conjunto Nova Natal, exemplifica claramente a ideia de Nora. O morador se mudou com a família logo após a Copa do Mundo de 1982 e relaciona esta data com os jogos de futebol pelo fato da complexidade em se afastar dos amigos, das brincadeiras de rua, da sua “galera”. O maior problema, para ele, não era deixar um lugar pelas condições vida, fossem elas boas ou ruins, mas pela relação com as pessoas e o sentimento de grupo, de coletividade, isto é, de pertencer a uma “galera”. Não era o abandono de um local, mas de sua identidade, ou uma parte dela que Paulo Sergio sentia mais.

Bom, eu vim só, que quando eu vim, porque primeiro vinha a família pra cá, né, pai, mãe... Eu passei três dias lá na Cidade Nova (?), e eu não queria sair de lá, não. Eu

⁴ A história de Irineu Funes conta que, após cair de um cavalo, o mesmo passa a possuir uma capacidade sobre-humana de lembra de tudo em pequenos detalhes. Uma verdadeira enciclopédia humana.

tava com 14 anos lá, não queria deixar minha galera lá. Aí eu cheguei aqui no dia... cheguei aqui numa segunda-feira, de 7 horas da manhã.

A memória é algo construído individual e coletivamente e que em meio a essa construção pode padecer de transformações e mudanças. Entretanto, de acordo com o sociólogo Michael Pollak (1992), podem existir marcos e pontos imutáveis. Tais marcos podem ser algo traumático, ou seja, no caso de Paulo Sérgio isso fica evidente quando o entrevistador o questiona sobre o conjunto naquela época e ele responde que sua habitação era uma casa com quarto, uma sala, banheiro acoplado e uma área de serviço – na qual viviam 16 pessoas.

A memória está ligada diretamente com a identidade de cada indivíduo, ou seja, uma identidade ligada à imagem de si mesmo. De acordo com Michel Pollak,

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 5)

Quando Paulo Sérgio descobriu a escola de samba Mocidade Independente de Nova Natal, a representação do ambiente de residência começou a mudar, para uma forma positiva. Uma vez participando como batuqueiro e ritmista, isso lhe trazia um sentimento de pertencimento a um grupo. Em suas palavras: “A pessoa se sentia bem, tinha muita gente olhando, você se sentia a atração”. Assim, a participação em um grupo de samba – caracterizado por celebrações em grupo – levou Paulo Sérgio a reviver suas memórias mais fortes da infância e adolescência, acendendo o elemento de identificação com o bairro e, conseqüentemente, com o Nova Natal.

Aí Jesus! Era barro! [...] a poeira cobria tudo quando passava os ônibus aí. Começaram a botar barro e quando chovia era um “lamaçal” tão grande que ninguém aguentava. A Chegança (Avenida da Chegança) também não era calçada e por causa dos ônibus botaram barro. Barro e o trator passava para firmar aquele barro, mas quando chovia era lama, era lama! Atolava tudo aqui! (*Francisca das Chagas de Souza Vieira*)

A lembrança de Francisca das Chagas de Souza, mais conhecida como dona Chaguinha, remete a um passado de dificuldades e problemas de serviços básicos no Nova Natal. A moradora de 73 anos (à época da entrevista), chegou ao conjunto habitacional em 1982, tendo ganhado uma casa no local para morar com a família (marido e duas filhas). A mudança para esse novo espaço representou para ela uma grande reforma no estilo de vida.

Nascida em Lajes do Cabugi, dona Chaguinha se mudou para Natal com a família durante a guerra, acompanhando o surto populacional que se instaurava na capital à época. Desde então, residiam em bairro no centro (Petrópolis) ou próximos ao centro (Rocas), tendo, assim, uma facilidade maior nos serviços – saúde, educação, transporte, alimentação. Após a mudança para o Nova Natal, tudo mudou. O primeiro impacto, como apresentou a moradora, foi em relação a estrutura urbana – apenas as casas haviam sido entregues e os serviços, que antes estavam em um nível de facilidade maior de alcance, sofreram uma inversão de pólos. Ruas não asfaltadas, escolas ainda em construção, falta de hospitais e postos de saúde, bem como áreas planejadas de lazer causavam estranhamento e receio quanto ao novo espaço de habitação. Segundo a moradora:

Se precisasse de uma emergência, o Santa Catarina⁵ já funcionava [...] mas quase sempre o povo não conseguia ficha e levava, a maior dificuldade; era uma dificuldade grande que tinha. Tinha só o posto antigo, que hoje é a AME, aí depois construíram esse posto aqui.

É possível, então, empreender que os problemas agora enfrentados repercutiam para a construção de uma imagem negativa do local. Se houvesse a necessidade de atendimento hospitalar, os moradores precisariam andar mais de três quilômetros para tentar conseguir alguma coisa, uma vez que, ainda de acordo com a dona Chaguinha, em outras ocasiões, eles andavam até “o Soledade⁶ para pegar ônibus. Não tinha Rio Grandense, só tinha Guanabara (empresas de transporte coletivo) de um a dois ônibus”.

O motorista aposentado Gilberto Lopes trabalhou em 1989 em uma linha de ônibus que passava pelo conjunto e sempre, em sua entrevista, explica os problemas que abarcavam o uso do transporte coletivo por lá, tais como:

⁵ Hospital Dr. José Pedro Bezerra (popularmente conhecido como Santa Catarina), localizado no bairro Potengi, distante 3,5 quilômetros do conjunto Nova Natal.

⁶ Conjunto habitacional localizado no bairro do Potengi, próximo ao hospital Dr. José Pedro Bezerra.

alta lotação, falta de carros na linha. Um problema generalizado na Guanabara.⁷ [...] O ônibus era o principal transporte, sendo que a superlotação nas viagens dificultava a vida de todos. Eram apenas 12 carros, com espaço de 15 minutos entre um e outro, mesmo assim não dava conta. Era apenas uma empresa e ainda recebia passageiros de outros conjuntos.

A estudante Monara Soares, moradora do conjunto há 20 anos, relata que sua infância não foi muito agitada, mas lembra de que na época haviam mais linhas de ônibus. Essa questão do transporte seria um marco imutável em sua memória. Quando perguntada sobre as questões relacionadas à paisagem, relembra que a maioria das ruas eram de barro – hoje calçadas. Entretanto, fica clara a sua preferência pelos anos da infância (anos 1990), época em que havia facilidade maior quanto às linhas de ônibus.

O que mudava é que tinha mais ônibus, porque hoje em dia tá uma porcaria. Tinham 5 [...]. Hoje (pausa) tem duas. [...] De todas as porcarias que já inventaram nesse conjunto essa foi a pior! O ônibus demora uma eternidade pra passar, eu pelo menos sempre que preciso dele não passo menos de meia hora na parada, isso quando ele passa rápido e só anda cheio.

Outros fatores também marcaram presença quanto a negatividade, tal qual a violência. Como bem expõe dona Chaguinha, “era uma que era assombrada. Eu nem dormia, assombrada [...] tinha a história do homem que andava num cavalo, e diziam que esse homem matava por brincadeira. Aí pronto, quem é que vai ficar na rua? [...]”.

Além das histórias que permeavam o imaginário social, o estabelecimento dos loteamentos (regulares e irregulares⁸) em volta dos conjuntos habitacionais causavam repúdio e medo nos primeiros moradores. É importante salientar a diferença entre conjuntos habitacionais e loteamentos. Enquanto o primeiro corresponde a um espaço habitacional –

⁷ Empresa de ônibus a qual Gilberto Lopes trabalhou.

⁸ Compreende-se por loteamentos regulares aqueles que têm registro em instituições oficiais, como a secretaria de urbanismo e a prefeitura municipal. Estes oferecem, geralmente, iguais parcelas de solo e alguma estrutura básica (água, eletricidade, iluminação, ruas delineadas, etc.); já os loteamentos irregulares caracterizam-se pela ausência de registro oficial e de parcelamento do solo de forma assimétrica. Além disso, as ruas não oferecem estrutura básica e muitas vezes são estreitas e sem calçamento. No bairro de Lagoa Azul encontramos loteamentos de ambos os tipos, sendo que os mais comuns são os irregulares. Para mais informações sobre loteamentos regulares e irregulares, bem como conjuntos habitacionais em áreas periféricas, Cf: SÁTYRO MAIA, Doralice. A periferização e a fragmentação da cidade: loteamentos fechados, conjuntos habitacionais populares e loteamentos irregulares na cidade de Campina Grande-PB, Brasil. *Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. [En línea], Barcelona, v. XIV, n. 310-347, 2010.

caracterizado pela construção de casas (como no estudo deste artigo) ou pequenos prédios de apartamentos construídos pelo poder público – municipal, estadual e/ou federal – e entregue à população por meio de venda ou sorteio, os loteamentos eram entendidos como terrenos ocupados por posse de terra, sem condições de moradia legal⁹.

Somado a isto, há ainda de se lembrar que os anos 1980 ainda era um período de governos militares e a ideia de progresso e modernização através da urbanização desenfreada e sem respeito à natureza estava demasiadamente difundida sobre a população – e, de certa forma, ainda está – o que tornou mais forte o sentimento de segregação dos moradores desses loteamentos. Ora, os locais mais propícios para estabelecimento dessas famílias, uma vez que não haviam mais espaços no centro da cidade, eram próximos aos novos conjuntos habitacionais, às margens das lagoas, sob encostas de dunas. Sem saneamento e outros cuidados, o ambiente em volta começou a se degradar (CAPISTRANO, op. cit., p. 70).

Dessa forma, viver em um espaço não adquirido por métodos tradicionais, como compra, vinculava os moradores (claramente, a partir de uma generalização) a algum tipo de atividade criminosa. Isso não quer dizer que não existam criminosos vivendo em loteamentos e favelas, mas a generalização da ideia de que o loteamento era a raiz da violência corresponde ao real problema. Dona Chaguinha relembra um grupo de criminosos existentes na área e faz questão de afirmar que pertenciam ao loteamento José Sarney, ao lado do conjunto Nova Natal:

Entrevistador: Essas pessoas que a senhora fala são as pessoas que vieram ocupar os loteamentos?

Maria das Chagas: Isso. O conjunto não, os loteamentos. Tinha um grupo que chamavam “trovão azul”, Jesus, eu nunca vi nem nada, mas dizem que é um terror, dizem, eu não vi, não chegava nem perto. Mas ainda hoje tem o postinho policial ali, e quando dá fé, os tiroteios, mataram dois na estação de trem... misericórdia!

Todavia, nem tudo estava relacionado à negatividade. As atividades da igreja frequentada por dona Chaguinha tornavam suas semanas mais agradáveis. A participação no clube de idosos proporcionava ginástica, lanches e muitas conversas. Os conselhos

⁹ Para mais informações sobre a memória e a identidade dos moradores do bairro de Lagoa Azul, consultar: PINHO, R. S. Um olhar sobre Lagoa Azul: sensibilidade, identidade e preconceito. In: Anais do III Colóquio Nacional de História Cultural e Sensibilidades. p. 1511. Disponível em: <http://2013.cnhcs.com.br/trabalhos/anais_evento.pdf>

comunitários também foram de grande valia para o desenvolvimento do conjunto ao passar dos anos. Também em relação ao transporte público, Gilberto Lopes nos contou que a violência não era algo pertinente dentro dos ônibus: “as vantagens era [sic] a ausência de assaltos, só tinham bêbados falando besteira”. Tal realidade mudou de rumo a partir do final dos anos 1990.

O comércio foi montado por meio da necessidade de criação de empregos, renda e prestação de serviços básicos, como vendas em mercados, feiras, oficinas, pequenos restaurantes etc. Portanto, com uma economia local crescente mais pessoas procuravam o local para morar, novas linhas de ônibus surgiram e as principais ruas foram asfaltadas. Sobre esta questão Gilberto Lopes ainda informa que houveram

grandes mudanças. Naquela época não tinha comércio, hoje já tem e muito. O Nova Natal foi criado com “baixa-renda”, gente pobre de vários cantos. E mesmo assim criaram comércio. As mudanças de lá para cá são as novas linhas e o asfalto das ruas.

Monara Soares também menciona o aumento dos pontos comerciais e o crescimento da feira do conjunto, comparando-a a um *shopping* e destacando a sua melhora ao longo dos anos. Levando-se em consideração as péssimas condições de transporte, como bem ressaltaram os entrevistados, ter um “*shopping* popular”, em que é possível se encontrar “de tudo”, tal qual a feira, é mais um ponto positivo e de destaque. Aliado a este ambiente, há o trânsito de mercadorias, pessoas, informações e culturas – torna-se importante afirmar que a feira atende não só o Nova Natal, mas as localidades adjacentes.

Na área do comércio mudou muita coisa sim. A feira hoje em dia é imensa, uma das maiores de Natal, já ouvi falar inclusive que era maior que a da Cidade da Esperança. A avenida da Chegança mais parece um shopping, pois é possível encontrar de tudo lá. Acho que nesse ponto melhorou bastante. E em todo o conjunto é possível ver lojinhas, lanchonetes, bares, muitos bares.

E finalmente chegamos a um ponto apazível aos olhos dos moradores, a paisagem natural. A representação da imagem da natureza construía um elemento de agraciamento pessoal e coletivo. Segundo Dona Chaguinha:

[...] a lagoa era uma coisa linda! [...] (*as crianças*) brincava, tomavam banho! Era! Era o lazer! Bonita, bonita mesmo. [...] (*nas dunas*) não tinha árvore, não tinha construção de outros pedaços de casa, então era bonito de ver tudo branquinho! A areia bonita.

As dunas e os morros, bem como as lagoas presentes no bairro eram verdadeiros espaços de lazer para as crianças e de sociabilidade, para os pais. Uma vez que não existiam espaços planejados construídos para os moradores, estes construíam dentro do imaginário social os seus próprios, apropriando-se da paisagem como objeto de diversão e, trazendo à memória, momentos de alegria.

Considerações finais

Reunir os elementos aqui apresentados constitui, em cada um desses moradores, a sua identidade. Entendê-la como um elemento a ser construído por meio de conquistas e de lutas (BAUMAN, 1999, p. 44), mostra a superação de alguns residentes sobre as lembranças do que há de ruim ou a própria incorporação dessa esfera na vida. Mostra, também, a partir da memória, como as características urbanas e ambientais se firmaram na formação de cada um dos entrevistados – uma formação que está em constante ampliação.

A utilização dos recursos orais dentro da construção de uma história – quando possível – é fundamental para a análise das percepções, sensibilidades e representações sobre um determinado objeto. As diferentes visões, positivas e negativas, sobre os vários espaços que formam o conjunto habitacional tornam possível a sua existência. Os exercícios e as práticas sobre o local geográfico escolhido para a construção do Nova Natal, tornam-no um ambiente regado de espaços de mercadorias, de sociabilidade, uma vez o espaço sendo entendido como um lugar praticado de aplicações e de exercícios humanos sobre si (CERTEAU, 2008, p. 202-207).

Estudar a história de uma cidade e de um bairro não se resume apenas a elementos culturais, representativos e imagéticos, mas também abrange às questões políticas e econômicas que permeiam os objetos e agentes históricos presentes no estudo. Por isso, entendemos que para construir a história (ou uma história) do conjunto Nova Natal é preciso,

ainda, estudos mais aprofundados sobre o tema, bem como a pesquisa da antropóloga Julie A. Cavnignac sobre o bairro do Igapó, também na Zona Norte de Natal, uma referência para simbolismos e representações sociais a respeito da construção cotidiana de um espaço de habitação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Porto Alegre: Globo, 1970. p. 89-99.
- CAPISTRANO, Luciano F. D.; SILVA, Tyego F. et al. *Memória Minha Comunidade*: Lagoa Azul. Natal: SEMURB, 2013.
- _____. *Dossiê de Fontes*: Lagoa Azul. Natal: SEMURB, 2013.
- CAVIGNAC, Julie. A. Destinos Migrantes: Representações Simbólicas, histórias de vida e narrativas. *Campos – Revista de Antropologia Social*, Curitiba, v. 1, n.1, p. 67-98, 2001.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, p. 7-28 dez. 1993
- PEDREIRA, Flávia De Sá. *Chiclete eu misturo com banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal, 1920-1945*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2005.
- PINHO, R. S. Um olhar sobre Lagoa Azul: sensibilidade, identidade e preconceito. In: Colóquio Nacional de História Cultural e Sensibilidades, 3., 2013, Caicó, *Anais eletrônicos*, Caicó, 2013. p. 1501-1512.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- SÁTYRO MAIA, Doralice. A periferização e a fragmentação da cidade: loteamentos fechados, conjuntos habitacionais populares e loteamentos irregulares na cidade de Campina Grande-PB, Brasil. *Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. [En línea], Barcelona, v. XIV, n. 310-347, 2010.
- VIDAL, Maria Do Socorro Carlos. *A ponte da exclusão: os dois lados da cidade de Natal-RN*. Natal: Cooperativa Cultural da UFRN, 1998.

Artigo recebido em abril de 2014. Aprovado em maio de 2014.